

## APRESENTAÇÃO

---

Oito anos, oito números. A *Interfaces Brasil/Canadá* oferece cada vez mais aos seus leitores textos criativos, novas descobertas e abordagens a respeito das relações Brasil-Canadá. Os números até agora publicados reúnem mais de 100 autores, canadenses, brasileiros e de outras nacionalidades, apresentando artigos relevantes para o público interessado em retrair essa parceria e para acadêmicos que buscam no Brasil e no Canadá novas portas de entrada para os estudos canadenses. Ao comemorar em 2008 um ano de veiculação na galáxia virtual – com suas atualizações, *links* e outros recursos disponíveis *online* ([www.revistabecan.com.br](http://www.revistabecan.com.br)) – a *Interfaces Brasil/Canadá* contabiliza em torno de 150 mil visitas em horizontes os mais diversos, o que comprova a importância de seu papel de estímulo à investigação e à reflexão.

A justificativa da escolha do tema da presente edição, “Mobilidades culturais”, é apontar – no contexto das relações Brasil-Canadá – para a recorrência de estratégias de deslocamentos, passagens e transferências que se verificam na literatura, nas artes e nas demais manifestações culturais. Ao focar essa temática seguimos o pensamento fertilizador de teóricos canadenses, como Walter Moser, Simon Harel, Pierre Ouellet e Patrick Imbert, entre outros, que concebem a mobilidade cultural como estratégia para driblar a imposição das normas (lingüísticas e sociais), do poder (fixo e imóvel), da doxa e dos clichês que tendem a imobilizar os discursos em processos de engessamento e coagulação.

Escritores, artistas e agentes culturais desenvolvem estratégias cujo eixo é o movimento, deslocando a arbitrariedade da norma, rompendo paradigmas e aproximando culturas através de jogos transculturais. O *trans* preside as mobilidades por estar associado à ultrapassagem, ao ir além, à travessia de territórios até então interditos. Assim, as diferentes formas de mobilidade podem ocorrer no espaço (viagens, *flâneries*), no tempo (formas romanescas estruturadas em várias épocas, com grandes saltos temporais), na passagem de vozes

narrativas (dialogismo), e até no uso de metáforas que deslocam o sentido primeiro das palavras. Pierre Ouellet em *L'esprit migrateur* (2006) chama a atenção para o fato de que a migração cultural, forma privilegiada de mobilidade, ocorre freqüentemente em obras de escritores ditos migrantes e até dos que nunca viajaram, mas cuja obra se desloca constantemente, por meio de processos intertextuais, que se caracterizam em práticas de mobilidade por excelência. Assim, convidamos os leitores a acompanhar, nos artigos que integram este número 8, as migrações internas e externas, as diásporas e os exílios, formas privilegiadas de mobilidade cultural.

Em primeiro lugar, na seção “Mobilidades culturais e literárias”, o leitor encontrará um texto em homenagem aos trinta anos de colaboração de Walter Moser com as universidades brasileiras, no qual Zilá Bernd recapitula as teorias do Norte e sua importação pelo Sul, entre elas as da reciclagem e mobilidade cultural. Em 1992, no coletivo *Confluences littéraires Brésil/Québec: les bases d'une comparaison* (Bernd; Peterson, orgs.), Walter Moser já falava das vantagens para o Norte (Canadá) de importar “modelos” de organização cultural do Sul (Brasil), a exemplo da antropofagia. A fertilização mútua no estabelecimento de perspectivas comparadas transamericanas é a tese do trabalho, que mostra outros exemplos de apropriação teórica revigorantes para a leitura de textos americanos e para o exercício do comparatismo cultural e literário interamericano. A seguir, Pierre Ouellet analisa a “palavra coletiva”, veiculada pela *Vice Versa*, revista cultural publicada no Quebec nos anos 1980 e 1990, a maneira como esse veículo pôde modelar o “território imaginário” de uma sociedade pela sua eficiência simbólica em numerosas “partilhas do sensível”, vários “estilos” na pena de autores que focalizam fenômenos fundadores, entre eles a cultura, a cidadania e o território. Roland Walter parte da hipótese de que diversas mudanças nas práticas materiais, nos meios de comunicação, o aumento significativo da migração e outras formas de mobilidade entre regiões, nações, continentes e culturas provocam transformações na consciência e no imaginário das pessoas e dos povos. Sua análise das obras *La*

*Brûlerie*, de Émile Ollivier, e *Harriet's Daughter*, de Marlene Nourbese Philip, mostra como é figurada a identidade do sujeito e sua cidadania nessa encruzilhada transcultural. Em outro tempo, as mobilidades do aventureiro Jacques Grasset de Saint-Sauveur (1757-1810), que publicou um número considerável de enciclopédias de viagens e costumes, compilações e narrativas libertinas, além de obras de cunho moral de inspiração filosófica ou republicana, interessam particularmente a Bernard Andrès do ponto de vista tríplice: da história política e diplomática do Canadá e da França, da história literária e da história da arte. De volta ao presente, Pascal Gin focaliza em *Tsubame*, de Aki Shimakazi, a inscrição romanesca da mobilidade, figura paradigmática da conjuntura cultural fortemente mundializada. Sensível às profundas ambivalências, característica dos fluxos culturais contemporâneos, sua análise atenta à parte de imobilidade suscetível de ordenar construções simbólicas que sobredeterminam a constância do movimento. Ainda no âmbito da inscrição romanesca, a “trilogia brasileira” *Le pavillon des miroirs*, *Negão et Doralice* e *Errances*, de Sergio Kokis – escritor canadense de origem brasileira –, é analisada por Renato Venancio de Souza, que prioriza temas ligados à escrita em língua estrangeira e à tradução em sentido amplo. A escrita kokisiana é aproximada à do mexicano Carlos Fuentes por María Fernanda Arentsen. Ela propõe uma leitura do discurso literário sobre a migrância no Quebec e na América Latina, levando em conta a problemática da alteridade e da identidade, intimamente ligada ao deslocamento, e lembra que o fenômeno da migrância maciça é relativamente recente: suas representações literárias em contexto de globalização deixam transparecer os sinais de um novo espaço, um novo estado de coisas em uma cultura cujas relações entre *uns* e *outros* são com frequência difíceis. Somente a reconquista da mobilidade interior permite encaminhar a questão da dignidade humana, fortemente ligada à da integridade corporal e espiritual, e multiplicar as possibilidades de estar no mundo, é o que enfatiza Lucie Lequin, na análise da obra das autoras Marie-Célie Agnant, Ying Chen, Abla Farhoud, Nadine Ltaif e Mona Latif Ghattas, para dar conta da riqueza da escritura das

mulheres ditas migrantes. Taci Coutinho Leal explora o tema do exílio sob o ponto de vista da mulher em “On seeing England for the first time”, de Jamaica Kincaid, e “Blossom”, de Dionne Brand. Nos dois contos são tratadas as questões da sensação do “não-pertencimento” e a dificuldade da condição feminina no auto-exílio – histórias cujas personagens migram de algum lugar do Caribe para países da América do Norte, os EUA e o Canadá.

Na segunda seção, em “Mobilidades culturais e sociais”, Walkyria Monte Mór concentra-se na imagem cultural na escola e na sociedade, em paralelo à investigação que empreende sobre a relação suplementar entre identidade e alteridade, compreendendo o modo como o brasileiro representa a si mesmo, é representado pelo estrangeiro e como a imagem do estrangeiro é construída e difundida para o outro. Ivete Walty se volta para o trânsito de agentes culturais, suas relações com segmentos da população que fazem da rua sua casa. As revistas *Ocas*, em São Paulo e Rio de Janeiro, e *L’Itinéraire*, em Montreal, vendidas pela população de rua nas grandes cidades, a despeito das diferenças econômicas e sociais entre os dois países, são o objeto da análise, que relaciona três elementos: o espaço físico e simbólico das cidades e das revistas, os agentes mediadores culturais presentes no processo de produção e recepção das publicações e seu trânsito por esses espaços.

Joseph B. Glass investiga certas questões comuns no crescimento das comunidades judias do Canadá e do Brasil, sociedades multiculturais e multiétnicas, que se preocupam com as altas taxas de exogamia e com a integração. A discussão se estende para o papel da migração no desenvolvimento das comunidades judias nos dois países.

Roque Callage Neto apresenta o resultado de sua alentada pesquisa sobre a diplomacia multicultural nos últimos 40 anos, compreendida como um conjunto de políticas que diversos atores, entre eles o Estado, procuram formular para compreender populações, regiões, sociedades e nações, suas diferenças e complementaridades. No Brasil e no Canadá, os líderes Oswaldo Aranha e Lester Pearson tiveram influência preponderante na proposta de alternativas a conflitos culturais e étnicos baseados em escalas de força e confrontações, sugerindo

horizontes mais amplos a um mundo que se guiava para a concentração crescente de superpoderes e divisões ideológicas. Nas ciências sociais, os esforços governamentais para o combate à infração disciplinar entre servidores públicos é objeto de atenção das administrações públicas em âmbito mundial, um tema contemporâneo, objeto de estudo de Luciano Charlita de Freitas para demonstrar que no Brasil e no Canadá o interesse pelo assunto reflete o estágio atual da administração pública, cada vez mais preocupada com a eficiência, eficácia e integridade de seus servidores frente aos novos desafios gerenciais, à crescente demanda da sociedade pela transparência das ações governamentais e bom desempenho dos servidores públicos.

Brasil e Canadá estão entre os países que mais utilizam a Internet. Conceito novo, o governo eletrônico (e-Gov), para Luiz Carlos Agner, significa muito mais do que a simples idéia de um governo informatizado; visa criar um Estado aberto e ágil para atender às necessidades da sociedade. A manutenção da ordem e a segurança pública no Brasil e no Canadá, através do processo de socialização profissional do futuro policial no Rio de Janeiro e em Toronto são focalizados por Paula Poncioni, que fecha este segmento com a análise do incremento da mobilidade cultural propiciado pela socialização profissional desse grupo ocupacional específico – a polícia –, que pretende dotar seu trabalho de maior profissionalismo na realização de suas atividades.

As resenhas, em número de sete, encerram esta edição. Elas apresentam aos leitores algumas das últimas publicações voltadas de uma forma ou de outra aos estudos canadenses e/ou às relações Brasil-Canadá. Comprova-se aqui que o tema se repete: migrações, deslocamentos, fronteiras, gestão da diversidade, novas cartografias, regiões limítrofes, confins e litorais nas relações com a história, a geografia, a política, a cultura e as artes. O foco recai sobre toda sorte de trânsito, no tempo e no espaço, noções de mobilidade cultural em toda sua abrangência: passagens transculturais, de uma língua à outra, de um horizonte cultural ao outro, identidades, alteridades, diásporas, exílios... As migrações impuseram-se, não há dúvida, como um fenômeno de primeira ordem, acarretando

repercussões que a *Interfaces Brasil/Canadá* reflete neste número ao reunir as dinâmicas migratórias nos âmbitos social, político e de integração, os processos culturais no âmbito das relações internacionais.

Boa leitura!